

Capítulo-1: Fogo, floresta e história.

Manaus- AM:

Bem à margem do rio Tiquié, dois homens caçavam javalis durante o final da tarde, o homem mais velho que estava a levar sua arma logo ouve um grunhido ao longe se aproximando e se prepara para atirar quando é impedido pelo mais jovem.

—Aqui só atira pra come, Seu Antônio. — Fala o indígena segurando o cano da arma. Ele se vira indo na direção das armadilhas quando ouve um tiro ser disparado vindo um porco selvagem cair no chão, virando a cabeça para o homem à sua frente antes de ouvir um assobio no meio da mata densa, este sendo sombrio e sinistro, e então uma labareda sobe logo a frente dos dois, o homem se prepara para atirar quando o fogo muda a direção indo da esquerda à direita, quando ele finalmente às alcança, encontra uma tocha fincada no chão e então o assobio volta a soar, a diferença era que estava bem atrás do homem, ele vai se virando lentamente, antes que pudesse vê-la, a entidade finca sua lança flamejante em suas costas, ela se vira olhando o moço e vai embora correndo deixando suas pegadas contrárias no chão. Esse começo de noite foi marcado pela morte de um homem, e o nascimento de uma entidade.

Essa noite foi contada por esse jovem por muitos e muitos anos, por ele, por sua família e por amigos. Inclusive nessa noite de festa de São-João, em volta de uma fogueira baixa, esse mesmo jovem, agora um senhor de idade avançada, contava sua história para as crianças, dentre essa roda tinha uma moça de 29 anos, essa era Marina Guerra Dias uma moradora da cidade à duas horas do pequeno vilarejo onde a festa acontecia, mesmo que ela soubesse de sua ligação com aquela comunidade, ela ainda morava com sua avó uma senhora de idade avançada que cuidava dela desde a doença de sua mãe e o abandono de seu pai.

No fim do relato do senhor sobre seu passado várias crianças fizeram suas perguntas, outras iam brincar com o resto, as que ficaram chegaram mais perto do homem para ouvir suas respostas sobre seu encontro com o ser de pés virados e sua cabeça em chamas. A última pergunta foi feita por uma garotinha loira com um vestido junino rosa e amarelo, com duas tranças, bochechas rosadas e cinco pintinhas em cada uma e um chapéu de palha em sua cabeça.

-E você ficou com medo?

-Não senti medo, mas respeito, por estar na presença de uma poderosa entidade. - o senhor responde se inclinando em sua direção -Eu sabia que não tinha o que te' medo, porque o Curupira é o protetor da selva ele só ataca quem destrói a floresta e mata os animais.

-E onde ele tá agora?

-Ninguém sabe, a cidade cresceu, a floresta diminuiu e ninguém viu mais ele.

-Laura! - A mãe da garota a chama para irem embora.

-Tchau Seu Carlos, tchau Mari!

-Tchau lindinha. - a moça acena para a criança e sua mãe.

Carlos e Marina ficaram mais um tempo conversando em volta da fogueira.

-Por que o Curupira não pegou o senhor naquela noite? Já que, o senhor também tava caçando.

-Ele leu minhas intenções minha filha, eu não tava lá pra destruir uma ordem natural e sim levar alimento pra minha família.

-Então, o Curupira leu as tuas intenções? Como ele sabia?

-Ele é a entidade mais velha de nossa história, minha criança, ele foi o primeiro de uma longa história que nasceu.

-Bom, de qualquer forma, isso foi uma bela história o senhor realmente sabe impressionar crianças. - A moça fala vendo sua amiga sinalizar para irem embora.

Os dois se despedem e Marina vai em direção ao estacionamento improvisado na entrada da vila.

No meio do caminho ela esbarra em dois homens, o primeiro era alto e robusto, com cabelos ruivos e uma grande barba que esconde parte do rosto. O outro homem, porém, sendo seu total oposto tinha um belo rosto, usava uma camisa aberta, uma bermuda e um chapéu branco, ambos pareciam em uma conversa acalorada até que o mais baixo se afasta e segue uma bela moça para o lado oposto, deixando o outro para trás frustrado.

Bernardo – o nome do belo homem– na companhia de uma bela mulher, estavam prestes a sair da festa quando ele sente uma fraqueza repentina, se virando para sua parceira da noite ele vê seus olhos em um tom escuro de vermelho, e de repente suas forças se acabaram e seu mundo escureceu.

Capítulo-2

Manaus- AM

Passado a manhã, Marina cuidava da loja onde trabalhava, quando viu uma mulher entrando. A mulher possuía um aspecto calmo e seguro – podendo se notar por sua postura ereta– era alta e seus cabelos eram longos. Ela encarava os produtos com certo desinteresse, até que seus olhos focaram-se em Marina novamente, algo que a moça julgou ser incômodo passou por seu corpo como forma de arrepio, aquela mulher a observava com intensidade enquanto se aproximava lentamente, chegando tão perto que era possível sentir sua respiração. A mulher então pôs uma das mãos em sua bolsa tirando de lá um colar.

– Não se preocupaste criança, tu serás bem cuidada – disse a mulher em um sussurro.

E essa foi a última coisa que ouviu antes de começar a escutar uma leve melodia e cair no sono.

Não muito longe do centro, um jovem passava por entre as pessoas, ele tinha roupas desgastadas e uma bandana vermelha na cabeça. Ele ia na direção de um beco escuro com uma sacola de pão pendurada em seu braço direito e uma garrafa d'água na mão esquerda, entrando nesse beco ele encontra um senhor em uma cadeira de balanço dormindo serenamente, o mais jovem então se aproxima jogando abruptamente a sacola e a garrafa em cima do mais velho o acordando.

- Mais que baderna é essa!?
- Baderna nada Seu Jara, tá aí tua comida, mais na tarde eu passo pra pega a garrafa e o papel.
- Num quero, come tu essa comida roubada de num sei quem!
- Ô Seu Jara, não é comida roubada não, peguei lá da barraca que montaram pro pessoal de rua.
- E eu por acaso sô gente de rua? Num quero comida de caridade, pois vai te embora daqui! – O mais velho crispa jogando a sacola e a garrafa no chão.
- E eu vô pra onde hein?
- Ué tu num é o Saci? Dá teus pulo. – diz em tom baixo se inclinando para mais perto do garoto que se abaixava para pegar as coisas jogadas no chão.

Saindo do beco ele tem sua bandana roubada pelo homem ruivo, que enquanto estava seguindo o jovem acabou por ouvir a conversa anterior.

- Ei devolve ae, pô Tutu isso tem graça não cara, devolve logo- reclama tentando pegar de volta a bandana vermelha.
- Cê tem que me obedecer, não é essa a regra do Saci?
- O que tu qué?
- A Jessica quer que tu dê uma passada lá no hotel. Ela tem um trabalho pra ti.
- Beleza, agora dá aí meu gorro.

O mais alto nega novamente e os dois vão em direção ao tal Hotel, no caminho o garoto vai comendo seu pão em silêncio. Chegando ao Hotel eles passam a porta de madeira e cruzam o saguão sujo e coberto por poeira e teias de aranha, subindo as escadas que rangiam abaixo de seus pés eles encontram um corredor com seis portas -três de cada lado- na penúltima porta á esquerda havia duas mulheres, uma estava deitada na cama em sono profundo ao seu lado estava Jessica, com sua mão estendida sobre a cabeça da mais nova, essa que resmungava baixinho em desacordo. Os dois homens anunciaram sua presença fazendo a mais velha olhar para cima e se levantar indo em sua direção.

- Tutu disse que Cê queria me vê.
- Sim queria, tenho um trabalho para você.
- Que trabalho?
- Sua função será cuidar da nossa convidada, acredito que ela tenha estado perto de uma entidade.
- Ué, tu num tava com ela agorinha de pouco?
- Não uma entidade como eu ou você, algo maligno passou por essa garota, preciso que você a vigie para que seja lá o que tenha atacado Bernardo se mantenha longe da menina. Temo que haja alguma coisa esperando por ela num futuro não tão distante. – Disse a mulher voltando-se para a cama passando a mão na cabeça da moça a fazendo acordar, levantando-se da cama e parando rente a parede ela pergunta.

- Onde eu to? O que você fez comigo?
- Está tudo bem querida acalme-se.
- Tudo bem!? Sua maluca você me sequestrou! Me fala onde eu to e quem são vocês ou eu vou gritar.
- Ninguém vai te ouvir aqui, porque caso não tenha reparado senhorita, estamos em um lugar abandonado- Tutu disse se recostando na parede ao lado da porta ainda aberta.
- Acalme-se menina, não lhe causarei mal algum. Porém eu precisava que você viesse até este lugar.
- Pra quê?
- Para alertá-la do perigo que está a perseguir todos nós.
- Opa eu num tava sabendo dessa de “perigo pra todos nós não”, desembucha Jess, do que tu tá falando? - Dessa vez quem questiona é o jovem garoto ao lado da janela.
- Bom, como sabemos Bernardo sumiu desde que eu pedi para Tutu trazê-lo para mim. Ele foi pego e levado a margem do rio por alguém que achávamos que estava caído.
- Como assim caído?
- Na festa no vilarejo da tribo Tukano, eu fui encontra com Bernardo e alertá-lo de uma entidade perigosa que estava a causa desaparecimentos por todos os lugares, sempre com um rosto diferente. Ele, claro, não quis para pra me escuta foi se engraçando com a primeira mulher bonitinha que tinha na pista, na outra noite foi procura por ele e achei ele jogado na margem do rio, seus olhos tavam parecendo um nevoeiro.
- Se ele tava desaparecido, por que não chamaram a polícia?
- A polícia não iria ajudar nesse caso criança
- Porq..
- Porquê, garota tonta, a sua polícia humana só tá preocupada com casos normais de desaparecimento e não com o sumiço de uma entidade igual ao Boto.
- Boto? Não... não vá me dizer que - Marina se engasgou nas próprias palavras.
- Exato criança, entidades como o Boto são reais. – a mulher mais velha disse se aproximando cada vez mais – E ele está em algum lugar entre a vida e a morte, no Limbo. Um lugar que não devia existir, um local sombrio onde as almas dos que se foram nunca podem descansar.
- Espera, o que? Tá me dizendo que O Boto-cor-de-Rosa, das lendas do folclore, que engravida as mulheres e vai embora, essa lenda existe e que agora tá por aí semi-morto!?
- Não com essas palavra, mais sim, bem por aí– o mais alto de todos comenta
- Espera espera, volta um pouquinho. O Benzinho tava sumido? Por que não contaram pra gente? - questiona o mais novo, até então esquecido no canto do quarto
- Não queríamos causar alarde desnecessário, achamos que era algo com que pudéssemos lidar.

– Bem, claramente não puderam.

– Seja lá o que for essa coisa que tá sumindo com o que quer que sejam vocês tá vindo atrás de mim por algum motivo.

– Sim, por isso precisávamos alcançá-la antes dele. E é por isso que pedi para Iberê cuidar de você quando eu não puder.

– Espera aí, como assim quando você não puder? Você literalmente me sequestrou, me jogou a bomba de Folclore brasileiro ser sério e agora tá exigindo que eu confie cegamente nisso tudo?

– Ok serei mais direta. - Jessica praticamente pula em cima de Marina a prendendo contra a parede – Você menina tem um papel importante em seu futuro, e isso implica com, não só todos desta sala, como também muitos nesse país a dentro. Então não me importa se vai confiar em mim ou não, se vai acreditar nisso ou não, o que me importa é mantê-la respirando até que cumpra com seu propósito. Me entendeu?

– Sim... senhora— responde com a voz tão baixa que se a outra não estivesse tão perto quanto era permitido ela não a teria ouvido.

– Bom, você ficará neste quarto, Iberê ficará no quarto do outro lado do corredor de frente para o seu. Se precisarem de algo, Tutu está no quarto do terceiro andar e eu fico no porão, vocês terão a liberdade de arrumarem seus quartos da maneira que quiserem só não tragam ninguém de fora pra cá, e mais importante, Marina, não saia da vista de nenhum de nós. Temos habilidades que nos mantêm seguros e que podem protegê-la, mas não dou garantia de segurança de que vá ficar bem longe de nós, então, não vá longe sem estar acompanhada – com isso a mais velha saiu do quarto na companhia dos dois homens, deixando a humana em seu novo e estranho quarto.

Maria Eduarda Damiano Martins Guimarães do 2º C